



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13065 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

DESFOCANDO O OLHAR E OS MÚLTIPLOS SENTIDOS NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO NAS PESQUISAS COM OS COTIDIANOS

Rosa Helena de Mendonça - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Marcia Costa Rodrigues - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

DESFOCANDO O OLHAR E OS MÚLTIPLOS SENTIDOS NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO NAS PESQUISAS COM OS COTIDIANOS

Resumo

O texto apresenta proposta, fundamentação teórica e metodologia de resultados parciais de pesquisa que usa o cinema e as conversas para fazer emergir trocas entre praticantes, pesquisadores e professores em cotidianos. Isso se dá no sentido de pensar em como questões sociais se transformam em questões curriculares, a partir de redes educativas que formamos e que nos formam. Os encontros que passaram a envolver grupos de pesquisas de diversos estados do país fizeram emergir maior diversidade de elaborações, a partir dos filmes e dos textos selecionados para as conversas. Assim, os filmes, que podem ser documentários ou de ficção, nos diferentes movimentos da pesquisa, surgem como personagens conceituais, aqueles outros que nos permitem criar. E o cinema, como arte audiovisual, nos convida não só a ver e ouvir, mas a sentir e pensar, em uma imersão com os múltiplos sentidos. No caso do documentário escolhido para o desenvolvimento do texto, bem como do livro selecionado para ampliar o diálogo, a questão dos sentidos se evidencia nas conversas. Ver e desfocar o olhar, dar olhos à pele e assim, sentir e dar sentido ao mundo que nos cerca. Essas são algumas das questões que pretendemos abordar.

Palavras-chave: cinema, conversas, sentidos, currículos cotidianos.

A predileção da visão não necessariamente a rejeição dos demais sentidos, como a sensibilidade do tato, a materialidade (...).

(PALASMAA, 2011, p.25)

Para início de conversa

Pretendemos, neste trabalho, apresentar alguns resultados, sempre provisórios, de pesquisas realizadas durante o processo de formação com professoras e pesquisadoras de diferentes estados do país, com apoio do CNPq. As pesquisas com os cotidianos nos provocam a buscar metodologias que nos aproximem dos modos de ser, de viver e de fazer dos “homens “ordinários” (CERTEAU, 2012) que os tecem.

Subindo, descendo e girando em torno dessas práticas, algo escapa sem cessar, que não pode ser dito, nem “ensinado”, mas deve ser praticado. (CERTEAU, 2012, p. 151).

Nesse sentido, de que algo sempre escapa e foge do planejado, escolhemos o cinema em nossas práticas, como intercessor, personagem conceitual (DELEUZE, 1996), provocando outras histórias, memórias e criações, nas conversas com professoras, nos processos de formação, nossos e delas. Esse caminho, do audiovisual como artefato curricular, que ganhou destaque durante a pandemia, foi e continua sendo uma metodologia significativa em tempos em que, cada vez mais, as tecnologias digitais habitam nossas vidas. O cinema, e seus clichês, como criador de realidades, nas simulações e questionamentos das nossas formas de sentir o mundo (GUÉRON, 2011) nos ajuda a puxar conversas e a criar narrativas, costurando diferenciados ‘conhecimentossignificações’^{III}. Tomamos, portanto, a conversa como metodologia de pesquisa.

Elegemos, para desenvolver este texto, um encontro realizado virtualmente entre grupos de pesquisas, quando discutimos a importância do combate à intolerância religiosa (e cultural), bem como a necessidade de se preservar essas tradições e o meio ambiente que as abriga, por meio do documentário Estrela Azul: Mãe Stella (2005) e do livro *Os olhos da pele*, do arquiteto Juhani Pallasmaa (2011)^[2].

“A literatura e o cinema seriam destituídos de seu poder de encanto sem nossa capacidade de entrar em um lugar que lembramos ou imaginamos. Os espaços e lugares criados por uma obra de arte são reais no sentido total da experiência.” (PALLASMAA, 2011, p.64).

Uma combinação explosiva de histórias à flor da pele, juntaram o texto e o documentário, o que provocou muitas trocas, desde as vivências religiosas, às experiências estéticas, éticas, políticas e poéticas dos cotidianos das escolas, dos terreiros, igrejas e da vida cotidiana.



Imagem 1 – Cartaz do documentário Estrela Azul: Mãe Stella

(fonte nas referências)

Das conversas iniciais sobre/com Mãe Stella, personagem principal do documentário, questionou-se as dificuldades que as religiões de origem africana sofreram ao longo da história e sofrem ainda hoje, em especial nesse momento de expansão das igrejas evangélicas neopentecostais e da explicitação de valores conservadores por parte da sociedade. Os desafios em relação à existência da Escola Municipal Eugenia Anna dos Santos, dentro do terreiro, o Ilê, Axé, Opô, Afonjá, no bairro do Cabula, em Salvador, Bahia, constitui uma experiência decolonial exitosa há algumas décadas. Essa história contada no documentário trouxe à cena outra experiência, a do MST (Movimento dos trabalhadores Sem Terra), que também travou uma luta com o Estado para conseguir o direito a escolas municipais em seus territórios, incluindo cursos de formação de professores, entre outros, além da ENFF (Escola Nacional Florestan Fernandes) que, em Guararema, São Paulo, há quase duas décadas se empenha na formação de militantes. Direitos civis, preservação de espaços culturais e ambientais, relações de poder, subjetividade, afetividade, educação, tolerância religiosa, ancestralidade e artes, trouxeram para a conversa os múltiplos sentidos, para além da visão. E, como metáfora dos múltiplos sentidos, significados e significações experienciados vieram à tona os parangolés do artista Hélio Oiticica que nas décadas de 1960/1970, preconizavam que ao vestir uma das capas com dizeres políticos ou poéticos, o espectador tornava-se parte da obra de arte, ao se movimentar, dançar, tocar e usar peças em exposição, antes destinada à

apreciação visual, como ordenavam as placas: “É proibido tocar nas obras”.



Imagem 2 – Parangolés 1964-1974 MAM Rio

(fonte nas referências)

Na metodologia proposta não há o objetivo de discussão acerca de uma filmografia propriamente dita, nem sobre seus conteúdos específicos, embora todo esse conhecimento nos desperte interesse e muitas vezes entrem em cena. São imagens, sons, cores e movimentos que “usamos” (CERTEAU, 2012) para provocar histórias, percepções e criações. E o texto escrito que dialoga com o filme no grupo também é ponto de fuga para leituras outras.

O olhar fixo defensivo e não focado de nossa época, assolado pela sobrecarga sensorial, talvez chegue a abrir novas esferas de visão e pensamento, liberadas do desejo implícito que os olhos têm por

Concordamos com Pallasmaa quando ele nos faz refletir sobre a importância de desfocar o olhar quando queremos fugir dos padrões e visões pré-concebidas. Quando nos propomos a viver sem a rigidez dos limites e fronteiras estabelecidas e nos disponibilizamos a outras formas de sentir o mundo. Esse sentimento de perder o foco ou de fronteiras fluidas (BAUMANN, 2021) nos desafia a entender a importância do papel da educação e da cultura na tessitura de outras relações possíveis, onde as conversas sejam linhas de fuga dos lugares comuns e nos quais histórias outras sejam vividas e contadas.

Conversando com o cinema

O que o cinema possibilita como artefato cultural, transformado em um potente artefato pedagógico nas práticas de formação de professores e pesquisadores? Entre as possibilidades que emergem do uso de filmes como personagens conceituais nas conversas está a formação de redes nas quais nos formamos e que ao mesmo tempo nos formam. Para nos entrelaçarmos nas conversas tecidas ao ver, ouvir, sentir, pensar com o “Estrela azul: mãe Stella”, destacamos aqui algumas falas provocadas pela interação entre os participantes. Alguns lembraram experiências pessoais, quando as referências às vivências religiosas/místicas se destacam:

“Em Salvador, tive a possibilidade de visitar o terreiro em uma atividade de locação para gravação na escola local. Por intermédio da então coordenadora surgiu a possibilidade de estar com Mãe Stella que jogou os búzios para mim. Foi uma experiência inesquecível”.

“Não tenho condições de participar de cerimônias de Candomblé pois o som dos tambores me afeta profundamente”.

“Fiquei impressionada com a organização dos ‘*espaçostempos*’, a partir das características dos Orixás”

Outras falas se reportaram à história da Mãe Stella e sua importância para aquela comunidade, sobre sua preparação e dificuldades para assumir o terreiro e o legado que deixou para as gerações futuras.

Ainda se questionou sobre o roteiro do documentário, realizado para comemorar os 80 anos da Ialorixá e previsivelmente tecendo elogios. Os problemas, que certamente existiram, foram omitidos. Um documentário não apresenta uma ‘verdade’, mas recortes que nos

possibilitaram uma forma de conhecer uma mulher/sacerdotisa em uma luta religiosa, social e cultural secular.

Durante quase três horas costuramos nossas histórias, questionamentos e imaginação com os textos propostos, tecendo *'conhecimentossignificações'*. Rizomas, redes, em que as experiências individuais se diluem em *'fazeressaberes'* coletivos, que retornam para cada um nos seus usos múltiplos e diferenciados.

Conversando e caminhando para as conclusões

Somos seres sociais e tecnológicos e os artefatos de informação e comunicação perpassam as relações do mundo contemporâneo. As questões não são os modos como os artefatos culturais, no caso as obras cinematográficas, são elaborados, seus objetivos e a quem se destinam. Nas pesquisas com os cotidianos interessamo-nos pelos seus usos, os modos de *'verouvirsentir'* dos expetadores, que nunca são passivos (BARBERO, 1997) diante das mensagens, imagens, sons e textos que invadem nossas casas e telas. Tratando da formação de redes na educação e nos processos de formação, reconhecemos e utilizamos esses meios como “estratégias” (CERTEAU, 2012) de aproximação e reflexão, provocando boas conversas e tecendo novos *'conhecimentossignificações'*.

Uma das conclusões da pesquisa evidencia que a concepção teórico-epistemológica de redes educativas possibilita nos entendermos sempre enredados por e em muitos fios, o que nos obriga a pensar a organização curricular para além dos limites das disciplinas. A própria ideia de uma perspectiva interdisciplinar ou mesmo transdisciplinar traz em si limites epistemológicos que buscamos expandir ao propormos a tessitura de muitas conversas, alimentando diversas e múltiplas redes com todos os sentidos.

Uma outra questão importante a considerar como resultado desse trabalho é quando comparamos as conversas de diferentes grupos que usam os mesmos textos e filmes. Embora tenhamos selecionado para escrever este texto apenas uma das sessões de conversas, as mesmas acontecem com diferentes grupos. Em cada um dos encontros acontecem práticas distintas apesar de programações semelhantes. No trabalho realizado com professores universitários de outra cidade com o filme Estrela azul: Mãe Stella e o livro *O sentido da Pele*, os temas discutidos fizeram muitas referências ao racismo, negritude, preconceitos e discriminação racial e de gênero, quando sinalizam que são as mulheres que organizam e cuidam do terreiro. Como ocorre nas escolas que, apesar de seguirem uma base curricular comum, vivenciam cotidianos diversos, sempre. Cabe aqui provocar uma reflexão sobre diferença e repetição (DELEUZE, 1988, ALVES, 2019). Quando acompanhamos o processo criativo que se destaca como criação de artefato curricular, percebemos a polifonia e a policromia dos processos educativos possíveis nos movimentos de repetição e nas diferenças resultantes.

Aos poucos, no 'uso' desse material, trabalhávamos diferentes 'conhecimentossignificações', permitindo que em repetições e diferenciações 'aprendêssemosensinássemos' todo aquele material didático e curricular que faz parte dos processos pedagógicos, ao contrário de ser visto como repetitivo, precisa ser visto como condição para o surgimento de novos 'conhecimentossignificações' para os estudantes. (...) Serão sempre novos — e inesquecíveis (...) — pois estarão frente a novas turmas, com novos estudantes e nova professora ou professor (...) (ALVES, 2019, p.47- 48).

Cotidianos humanos são 'espaçostempos' de repetição e de criação. Os artefatos curriculares e culturais se transformam em função dos usos dos seus 'praticantespensantes'. Nos cotidianos as tessituras são (ou podem ser) sempre outras pois, afinal, os cotidianos são o que são e não o que poderiam ter sido. Isso significa não aceitarmos as normatizações impostas aos professores, sejam bases curriculares ou reformas que não considerem as realidades diversas, por exemplo. Se estamos vivendo uma reconstrução democrática no país, é preciso garantir a escuta e o respeito a todas as vozes e lutar pela implementação de processos participativos em todos os âmbitos governamentais, em especial na educação, que só acontece nas relações cotidianas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas - memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. S. Paulo: Cortez, 2019.
- BARBERO, Jesus Martin. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2021.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GUÉRON, Rodrigo. *Da imagem ao clichê, do clichê à imagem: Deleuze, cinema e pensamento*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele – a arquitetura e os sentidos*. S. Paulo: Bookman, 2011.

VÍDEO:

ESTRELA AZUL: MÃE STELLA (TVE-BA; 2005; 51min35seg)

https://www.youtube.com/watch?v=ujjtv_y8gDk

PARANGOLÉS - <https://mam.rio/obras-de-arte/parangoles-1964-1979/>

[1] Optamos, a exemplo de em alguns pesquisadores dos cotidianos, a grafar alguns vocábulos juntos, em itálico e com aspas simples, para evidenciar a indissociabilidade das noções que expressam.

[2] Antes da pandemia da Covid-19, muitas das sessões de visionamento dos filmes, seguidas das conversas eram presenciais. Ao se tornarem online, por meio de plataformas de encontros remotos, os filmes passaram a ser assistidos individualmente, antes dos encontros.

es dos encontros.